

# A DANÇA DOS OUTROS - IMAGINAÇÕES DIASPÓRICAS PARA INTERPELAR O MUNDO

The dance of others – diasporic imaginations to ask the world

*Luciane Ramos-Silva*<sup>1</sup>

**Resumo:** Entendendo *movimento* como prática social, cultural e política, percebemos que nestes tempos sombrios algumas danças têm possibilitado o surgimento de poderosos atos criativos. A partir da observação de um conjunto de artistas negras e negros, que criam na contramão da engrenagem compressora de desejos, discutimos, à luz de alguns intelectuais basilares para a luta antirracista e a crítica cultural, fundamentos e formas de escritas de si que desconstróem estigmas coloniais, inserem a discussão crítica da diferença e possibilitam uma abordagem das identidades não como “pautas”, mas como reelaboração de existências e disputa de narrativas.

**Palavras-chave:** Diáspora; Negritude; Dança.

**Abstract:** Understanding movement as social, cultural and political practice, we realize that in these dark times some dances have enabled the emergence of powerful creative acts. From the critical observation of a group of black artists who create against the soul-crushing machine, we discuss, guided by important intellectuals of the anti-racist struggle and the critical culture, foundations and forms of self-writing that deconstruct colonial stigmas, insert the critical discussion of difference and enable an approach to identities not as “agendas” but as re-elaboration of existences and narrative in dispute.

**Keywords:** Diaspora; Blackness; Dance.

---

<sup>1</sup> Doutora em Artes da Cena e mestre em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 10 n. 2, jun-dez/2019, p. 91 a 98

A maior cidade do hemisfério sul, além de abrigar edifícios desejados e muros infinitos, é casa para uma quantidade insuspeita de artistas da dança que nos últimos anos propuseram atos criativos potentes nas suas múltiplas facetas estéticas, bem como em sua capacidade de interrogar os sistemas legitimados de poder. De suas camadas históricas brotam conhecimentos em dança que desvelam leituras de mundo necessárias para o nosso tempo. Tal necessidade não se mostra apenas no discurso político, presente e anunciado, nem tampouco na assunção identitária, tema espinhoso e controverso em nossos dias. Aparece, sim, na pesquisa técnica, na elaboração de linguagem e na busca por epistemologias que irrompem com um *continuum* marcado pela colonialidade, pelo racismo e por inequidades de outras ordens que, juntas, compõem uma engrenagem violenta, e por vezes subterrânea, na gestão de imaginários, desejos e valores. Interlocutores da diáspora – espaço gestado entre dilemas e transbordamentos –, esses artistas e seus atos são

sujeitos de uma arte que não se separa da vida.

Para exemplificar, cito o *Encruzilhada Style*, procedimento de pesquisa e criação forjado pelo grupo Fragmento Urbano, que aproxima as danças hip hop e as chamadas danças populares; destaco ainda as escritas dançantes e símbolos elementares focados nas representações performáticas de origem Bantu, criados pela artista Kanzelumuka, co-fundadora da Nave Gris Cia Cênica; temos a dramaturgia da obra *Rés*, criada pela Corpórea Cia de Corpos, desvelando o universo do encarceramento feminino no Brasil a partir da obra da advogada e militante Dina Alves; acrescento a referência importante que é a *Dança da indignação*, proposta de linguagem que foca na canalização da revolta para a ação criativa, criada por Gal Martins, diretora da cia Sansacroma e, no mais, aponto o olhar para a *Bateção de pé*: proposta pedagógica do artista Fredyson Cunha como fruto de sua longa pesquisa entre as populações Bororo do Mato Grosso reverberando em ferramentas para instrumentalizar o corpo na cena.

Estes são apenas alguns exemplos de atos criativos capazes de forjar novos mundos, cuidar e conviver na cidade de São Paulo.

### **Outros e mesmos**

Os termos *Mesmo* e *Outro*, que ora adoto para nomear duas instâncias concebidas como opostas a partir da elaboração eurocêntrica de mundo, têm referência nos trabalhos do literato e ensaísta Y.V. Mudimbe: *The Invention of Africa* (1988) e *The Idea of Africa* (1994) nos quais o autor aborda as fundações dos discursos eurocêntricos sobre os povos negros.

Dois conceitos do autor nos interessam: o “eurocentrismo epistemológico”, segundo o qual a África é definida a partir daquilo que falta em relação à Europa, e o “etnocentrismo epistemológico”, envolvendo um excesso de especificação das culturas indígenas e a essencialização do discurso sobre elas. Segundo o autor, a percepção da outridade<sup>2</sup> como monstruosidade e aberração

---

<sup>2</sup> Optamos por traduzir “otherness” como outridade.

não mudou qualitativamente nos dias de hoje. No caminho de formações discursivas, o *Mesmo*, “solidamente aterrado no presente, inventa, restaura e dota de significados o *Outro*” (MUDIMBE, 1988, p. 196).

Temos ouvido com certa frequência referência às relações “Nós/Outros”<sup>3</sup> – que aqui optamos por denominar “Mesmos/Outros” – em debates, curadorias, formações, residências, mesas de congressos e até mesmo em espetáculos de dança. Consequência das percepções críticas contemporâneas e de uma reflexão inevitável sobre a realidade que nos cerca, considerar que existem muitos “Outros” sociais e que sempre há “Outros” em relação à maneira com que cada pessoa/grupo se constitui é, em certa medida, uma perspectiva comum em alguns espaços de reflexão sobre dança, mesmo que, muitas vezes, a ideia de “Mesmos” seja estrategicamente nebulosa

---

<sup>3</sup> O termo “Outro” vem do latim *alteru* – que significa “o segundo” ou o outro de uma enumeração. O Other, no inglês, se origina na palavra alemã anders – “anterior”, “fora”, “o não-eu”.

naquilo que se afirma enquanto racialidade. Como no Brasil ainda engatinhamos lentamente para uma conversa crítica sobre branquitude, raramente vemos pessoas brancas se posicionarem enquanto “Mesmos” da relação. Daí vem aquele *lenga-lenga* perverso da mestiçagem ou a reivindicação de “outridades” de diferentes ordens, como as de gênero ou classe: “ah gente, eu sou branco, mas sou pobre. Então sou também Outro”.

É notório e longamente discutido pela crítica social que as inequidades são frutos de intersecções: uma mulher negra lésbica acumula camadas diferentes de opressões em relação a uma mulher negra hétero ou a um homem branco hétero. Entretanto, isso não nos isenta de uma apreciação separada do quesito racial, considerando aquilo que a percepção da raça forja na compreensão da experiência brasileira. A raça importa.

### Mirando o espelho trincado

Parece importante retomarmos brevemente os elementos chave que levaram aos

processos de des-historicização e desumanização de determinados sujeitos sociais, entre eles os sujeitos negros, e percebermos a engrenagem que estigmatizou as formas africanizadas de escrita de si<sup>4</sup>, e que ainda movimenta, na contemporaneidade, ideias gerais acerca dos corpos negros que dançam.

Com isso, traçamos uma linha contínua entre colonialismo e

---

<sup>4</sup> Utilizamos o termo “formas africanizadas de escrita de si” em referência a modos de se imaginar e construir a existência a partir de valores que, interseccional e dinamicamente, se referem a fundamentos africanos reelaborados nas Américas. Nossa inspiração para o uso desse termo originou-se do termo “formas africanas de escrita de si” que intitulava um texto do filósofo Achille Mbembe (2010, p. 22). Na obra, o autor desenha a crítica às correntes ideológicas e pensadores do continente africano que elaboraram discursos de reivindicação de uma identidade africana ligada a elementos simbólicos, reivindicações políticas, correspondências raciais e geográficas que se queriam justificadoras de uma possível autonomia. O teor polêmico do texto, entre outros aspectos, refere-se à afirmação do autor de que as respostas africanas às opressões europeias foram diversas e que a colonização também seduziu os próprios africanos, gerando utopias recíprocas. Esse texto foi revisto pelo autor e posteriormente publicado com o título “Formas africanas de autoinscrição”. Tomamos emprestado o primeiro título do autor, não como uma associação direta ao conteúdo que ele dá ao termo, já que trata de um contexto específico diferente do nosso, mas atentando para modos de se imaginar e se construir fundamentados pelas africanidades no movimento dinâmico do mundo.

racismo a partir da ideia-matriz de *alienação colonial* em Fanon (2008) enquanto impossibilidade de uma pessoa se constituir sujeito, para refletir sobre a relação de apreciação/depreciação dos saberes oriundos das culturas negras e as conseqüentes ficções e estigmas construídos a respeito delas. Na perspectiva do autor, a lógica binária imposta pela supremacia eurocêntrica afeta também os sujeitos negros que, absorvendo a dualidade razão/emoção, natureza/cultura, fortalecem o olhar essencializado, a partir do qual as negritudes são percebidas enquanto alteridades extremas. Assim, os atos criativos citados anteriormente constituem-se como reações críticas face às opressões externas assim como desconstroem as camadas de concreto que enrijecem as existências de seus sujeitos, abrindo frestas para o autocuidado, a valoração de si e a cura.

Na história do pensamento eurocêntrico, o corpo foi visto como algo a se dominar, já que o corte cartesiano corpo/mente, fonte estruturadora do pensamento

moderno, definia uma ordem de valores onde o conhecimento não pertencia à esfera corporal – esta seria o lócus da natureza, dos instintos primitivos e irracionais. Lembremos que a certeza indubitável, “penso, logo existo”, proposta pelo filósofo René Descartes, baseava-se em uma objetivação do mundo que excluía o corpo como lugar de pensamento:

Concluo justamente que minha essência consiste nisto apenas, que eu sou uma coisa pensante [...] E no entanto, talvez [...] tenho um corpo ao qual estou estreitamente ligado, tenho, de um lado, uma ideia clara e definida de mim mesmo como uma coisa pensante, não extensa, e, de outro lado, uma ideia nítida de meu corpo como uma coisa extensa e não pensante; é certo, portanto, que sou realmente algo distinto de meu corpo e posso existir sem ele. (DESCARTES, 1987, p. 71)

Assim, é relevante refletirmos sobre como esse modelo de apreensão da realidade irá habitar profundamente os diversos universos de produção de conhecimento, conformando-se em epistemologias e, no limite, em ontologias, a partir de uma virada

da ordem da natureza para a da racionalidade. Essa virada tem relações de causa e efeito no encontro do europeu com a pessoa negro-africana. À medida que esta última, inserida em contextos nos quais a própria noção de pessoa se estabelece na relação com a natureza, elas se tornam – na visão eurocêntrica – mais próximas de um estado de natureza e são relegadas a um estágio inferior que os europeus já haviam supostamente superado. A reboque dessas teorias permanece o imaginário da animalização e reificação, fazendo do ser negro uma identidade limitada pelo pensamento branco-europeu. Assim, podemos compreender a relação entre a modernidade ocidental e as práticas coloniais.

É digna de nota a proposição desenvolvida pela socióloga Denise Ferreira da Silva, em sua obra *Toward a Global Idea of Race* (2007), na qual discute o impacto da narrativa racional determinista preconizada pelo cogito cartesiano “penso, logo existo”, nas existências das distintas sociedades, coletividades e culturas. Segundo a autora, tais

ideias fortalecem a possibilidade de extermínio dessas culturas.

Sendo a identidade negra atribuída desde fora e acompanhada de uma exterioridade radical, cria-se uma espécie de fronteira cultural definitiva que enclausura os saberes dos subalternizados como inferiores, caricatos e estereotipados. Nela, o Outro, definido em oposição ao Mesmo, acumula tudo aquilo que o Mesmo não é e, frequentemente, não quer ser, mas quer acompanhar e se alimentar à distância. Essa realidade é deveras atual e presente nas relações sociais dos nossos tempos, quando se torna conveniente se apropriar das experiências subalternas sem assumir responsabilidades. No campo da dança, especificamente, são inúmeras as apreciações interesseiras de danças sociais, danças urbanas, populares e de expressões da cultura pop negra. Em “*Eating the Other*”, Bell Hooks traz uma interessante afirmação sobre o assunto:

A mercantilização da alteridade tem sido tão bem-sucedida porque é oferecida

como um novo deleite, mais intenso, mais satisfatório que os modos normais de fazer e sentir. Dentro da cultura das commodities, a etnicidade se torna um tempero, conferindo um sabor que melhora o aspecto da merda insossa que é a cultura branca dominante (HOOKS, 2019, p. 66)

Se o corte do capital é atravessador inevitável, há que se recuperar sentidos éticos e reconhecer privilégios.

### **Danças identitárias?**

Se o tema da “identidade” sempre foi complexo para as ciências sociais e ao longo dos anos 90 foi devidamente problematizado pelos estudos culturais, ainda hoje continua provocando discussões quentes em outros contextos de produção de conhecimento. Reconhecendo a contribuição dos conceitos forjados por intelectuais como Stuart Hall, começamos por colocar o termo devidamente no plural. Identidades. Retomando algumas das ideias do autor na obra *“Identidade e Diferença: a perspectiva dos*

*estudos culturais”*, Hall ressalta o caráter descentralizado, fluido e em constante transformação das identidades, mostrando que são construídas ao longo de discursos, práticas e posições muitas vezes antagônicas.

As chamadas políticas ou pautas identitárias comovem, incomodam, complicam e movem nervos entre os diversos atores sociais – sejam críticos hegemônicos, militantes ou artistas. Mesmo passíveis de críticas quando expostas aos seus limites e contradições, mais que questões específicas de grupos minoritários, são maneiras de interpelar as estruturas hegemônicas, demandar igualdade e espaço para criação de políticas públicas e garantia de direitos (mesmo que o Estado brasileiro costume tratar tais direitos como distribuição de migalhas). Políticas identitárias engendram as lutas de pessoas e coletivos em prol de causas comuns e são elementos-chave para reexistências. As contradições e conflitos gerados dentro e fora delas parecem ser parte do movimento do mundo.

Os trabalhos que citei no início deste texto são muitas vezes reconhecidos ou acomodados à priori nas tais realidades identitárias, permanecendo em segundo plano suas competências estéticas, técnicas e poéticas.

O corpo de conhecimento desses artistas reterritorializa suas existências, integrado que está às lógicas de concepção de mundo em que os valores civilizatórios e a organização histórica da realidade se estruturam a partir das experiências negras. Aqui, lembro de Muniz Sodré, na obra “*O terreiro e a cidade*” (1988), quando discute a ideia de território como categoria fundamental para as culturas não hegemônicas e especificamente para as culturas da diáspora negra.

Na pauliceia de muitos tons escuros, tem gente dançando para entender e se fazer entender para reexistir.

*Recebido em: 01/08/2019*

*Aceito em: 26/08/2019*

### Referências Bibliográficas

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. São Paulo: Vozes, 2014.

HOOKS, Bell. **Comendo o outro: desejo e resistência**. In: \_\_\_\_\_. *Olhares Negros: raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de auto-inscrição**. *Estud. Afro-asiát.* [online]. 2001, vol. 23, n. 1, pp. 171-209.

MBEMBE, Achille. **Formas africanas da escrita de si**. Lisboa: ArtAfrica, 2010. Disponível em: <[www.artafrica.info](http://www.artafrica.info)>. Acesso em 5 jan. 2014. Site atualmente fora do ar.

MUDIMBE, Valentin Yves. **The invention of Africa: gnosis, philosophy, and the order of knowledge (African systems of thought)**. Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

SILVA, Denise Ferreira da. **Toward a Global Idea of Race**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2007.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.